



Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História

África em Cinema
A utilização de filmes em sala de aula

BRUNA CARVALHO DE SENA

Brasília, DF
Junho, 2017.

África em Cinema
A utilização de filmes em sala de aula

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Professor Dr. Anderson Oliva Ribeiro

Banca examinadora

Professor Dr. Anderson Oliva Ribeiro

Professor Dr. Leandro Santos Bulhões de Jesus

Professora Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

Brasília, DF
Junho, 2017.

Sumário

Sumário	3
Introdução.....	4
1. Cinema e Ensino de História.....	5
2. Cinema e Ensino de História da África	9
3. Memorial	13
3.1. A Plataforma.....	14
3.2. A Escolha dos Filmes	15
3.3. Interpretações da Plataforma	16
4. Referências bibliográficas	20

Introdução

O cinema além de ser uma das grandes formas de arte pode ser um meio para educação. Cada vez mais popular, transcendeu o lúdico e se faz presente em diferentes âmbitos, como o acadêmico. Em relação à academia de história ainda existem inúmeras restrições quanto à utilização de filmografia para diferentes fins. Neste projeto será discutida a inclusão de filmes na educação de ensino fundamental e médio, durante a disciplina história, mais precisamente quando estudada a temática africana e afro-brasileira, que se tornou de maneira tardia obrigatória no currículo escolar brasileiro.

Para isso filmes foram selecionados e atividades didáticas montadas com o intuito de avaliar a viabilidade de seu uso em sala de aula. O material estará disponível por meio de uma plataforma digital <<https://africaemcinema.joomla.com/>>, com o intuito de aumentar a acessibilidade a seu conteúdo por professores e alunos que busquem outras fontes para ampliar seu conhecimento sobre história africana, assim como da cultura e história afrodescendente presente em diversos países.

1. Cinema e Ensino de História

Os métodos de ensino de história utilizados no séc. XIX que se apoiavam apenas textos, passagens factuais e registros oficiais das épocas trabalhadas, eram vistos como maçantes e desinteressantes por estudantes. As imagens eram utilizadas apenas como fontes ilustrativas, nesse método não são realizadas análises mais profundas sobre estas. Seus conteúdos acabaram por ser transmitidos pela repetição e sempre carregados da visão eurocêntrica e patriarcal. A partir do séc. XX com a escola dos Annales, novas abordagens e concepções passaram a ganhar espaço do campo didático da história. Foi então que imagens começaram a ser utilizadas, também como fontes de análise social dos temas a serem estudados e debatidos (FERRAZ, 2006).

A utilização de imagens, não apenas como ilustração, mas também como fonte é outro ponto que se distingue da didática tradicional, onde não havia abertura para debate com participação dos alunos. Com essa nova didática, foi percebida então a subjetividade aparente das diversas expressões visuais, uma vez que elas sofrem diversas interferências de seus autores, dos modelos, de maneira que mesmo representando algum momento específico ainda sim, são objetivadas por seus autores.

O cinema e a TV também sofrem tais interferências, e como são consumidos pela população, são também formadores de ideias e opiniões, bem como transmissores de valores e geradores de debates. Embora, como apresentado por Xavier (2005), os filmes sejam representações do cotidiano e das sociedades, eles também são capazes de distorcer algumas características tendendo à opinião de seus autores, ou de seu público alvo, não sendo necessariamente totalmente fiéis aos fatos históricos. Por isso, o (a) professor (a) deve estar sempre atento e fazer as intermediações necessárias para que o estudante não tome o que lhe é apresentado nos filmes como uma verdade indubitável, mas sim como um olhar sobre o tema, que deve ser debatido e percebido também por outro viés.

O cinema possui mensagens fílmicas individuais múltiplas e mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. Refletir sobre a aplicação dessa linguagem midiática em sala de aula e especificamente na disciplina de História, levantando questões acerca da prática docente no que tange a projeção e as lacunas analíticas que se formam ao longo dessa atividade por ser tratada de forma isolada e fragmentada. (FERRAZ, 2006 p. 159-160).

Enquanto historiadores empregam um método permanente de estudo e análise documental histórica, os cineastas não tem tal compromisso com a historiografia, e sim com seu objetivo de envolver o público. Embora alguns mesmo “livres” de tal compromisso com a História, consigam em seu filme transmitir ao espectador a sensação de que o que está sendo projetado é real, mesmo que não seja.

Dando ao cinema a tarefa de produzir narrativas fílmicas e ao filme o estatuto de lugar da memória situo o cinema, e seus produtos, fora dos limites da história. Este é, para mim, um pressuposto fundamental. O cinema permite ao historiador fazer história, assim como permitem outras formas narrativas. Mas o cinema não é história (SOARES 1994 p. 02)

Existem películas focadas em fatos históricos, “filmes de época”, gênero este que tende a distorcer e formar posições históricas específicas. Há ainda películas que podem ser compreendidas, dentro de um contexto de jogo de forças políticas, como referências primordiais para a cultura e didática da história, tornando-se agentes desta manipulação de pontos de vista e de distribuição cultural.

Nesse sentido:

[...] a imagem não poderia ser uma companhia para esses grandes personagens que constituem a Sociedade do Historiador: artigos de leis, tratados de comércio, declarações ministeriais, ordens operacionais, discursos (FERRO. 1988, 201-202).

No sentido cultural, uma produção cinematográfica é considerada um artefato complexo, uma vez que sua construção passa por inúmeras etapas. Todo esse contexto direciona na produção e, conseqüentemente, influencia o produto final que será exibido ao público. Os filmes com temáticas que remetem a fatos históricos são o produto de diferentes interpretações e visões sobre o passado, que o trazem a tona e o fazem presente, através de escolhas sobre o que se quer mostrar atualmente. A consciência de que uma película se forma através da leitura de um fato histórico, sobre determinada visão, é essencial para o desenvolvimento da proposta de utilização dos filmes no ensino de História.

A Educação Histórica, para Souza (2012) está relacionada ao processo de formação de uma consciência histórica, onde os sujeitos envolvidos têm como objetivo criar uma visão de tempo histórico. Nesse sentido, a análise fílmica aliada à teoria da história possibilita uma

nova compreensão por parte do indivíduo, dando a ele maior contato com elementos culturais históricos, de maneira a ampliar suas experiências, expandir e consolidar sua consciência histórica com maior conhecimento.

O cinema em sala de aula pode ser visto como uma abordagem prática, “o vídeo passa pelo sensorial, emocional, intuitivo e racional” fazendo uma ligação entre os alunos e os temas por ele retratados. Sendo assim o cinema torna-se uma “ferramenta de apoio” ao ensino da história, onde o tema é apresentado pelo professor e o filme é um meio capaz de ilustrar visualmente o passado abrindo novas janelas de interpretação. (COSTA 2010).

Com tal ferramenta de ensino, diversos temas podem ser trabalhados em sala, e a utilização adequada dos filmes pode aproximar os alunos das temáticas a serem desenvolvidas, além de lhes apresentar novas realidades. Quanto à escolha e a forma de se trabalhar o cinema em sala, é importante levar em conta a turma onde será reproduzido o filme, bem como a maneira como ele será trabalhado. Deve ficar claro que não pode ser utilizado de maneira única ou solto dentro do plano de ensino. É importante também certificar-se que o filme apresenta os aspectos desejáveis, para que se fomente um debate posterior. Vale ressaltar ainda que, um único filme pode gerar diferentes interpretações acerca de um determinado tema, uma vez que as informações obtidas nos filmes estão além de sua história, o que pode ser observado em segundo plano.

[...] o educador (deve) assumir uma postura que compreende um conjunto de aptidões voltadas aos métodos de construção do conhecimento, socializando esses saberes num processo contínuo de ensino e aprendizagem”(AQUINO, 2008, p. 03).

Importante compreender também os temas históricos abordados nas produções cinematográficas, através de um olhar crítico sobre o passado e, como este se torna presente e se relaciona com o que é vivenciado na sociedade atualmente.

Um filme de época, dessa forma, ainda que não trate de algum fato ou acontecimento histórico, pode em muito colaborar para a compreensão de modos de vida, valores e comportamentos sociais de determinada sociedade em um tempo histórico específico; assim como um filme atual (ou mesmo programas de televisão que tratam de discussões sobre problemas atuais), podem ser fonte de observação e análise de valores presentes em nossa própria sociedade, ainda que tratem da realidade de outras localidades, uma vez que fazemos parte de uma cultura “globalizada” e cujos princípios de

organização pautam-se em uma mesma estrutura de valorização do modo de vida ocidental, americanizada ou eurocentrista”. (XAVIER 2005).

A partir do quadro descrito, no qual a mídia exerce forte influência sobre o cotidiano da sociedade, a escola não pode ser considerada a única forma de produção de conhecimento. Dessa forma fica a cargo dos profissionais da educação construir métodos de ensino que se conectem com os recursos da mídia de maneira crítica, tornando seu uso viável a professores e receptivo aos alunos. Para que possa ser realizado um trabalho em sala utilizando tais produções é importante notar o entendimento tido por docentes e discentes perante a película e assim formatar o currículo para que o processo cognitivo do aluno seja o mais proveitoso possível.

É preciso ressaltar ainda, o contexto atual da sociedade, em que adolescentes e jovens estão em um meio de formação novo, conectado a mídias e a internet em tempo quase que integral. Mesmo sem perceberem, acreditarem e se atentarem ao que se passa ao seu redor, são bombardeados com todo tipo de informações sobre os mais variados assuntos, de maneira quase instantânea, pelos mais diversos meios de comunicação (como por exemplo, TV, internet e redes sociais), vivem num mundo totalmente interativo, com imagens e informações à sua frente o tempo todo, estas carregadas de valores materiais, ideológicos e culturais que influenciam seu desenvolvimento crítico, formação de opinião e possibilitam uma determinada percepção da realidade (XAVIER, 2005. p. 104). Nesse contexto, o cinema pode ter um relevante papel, através da exibição de filmes com relações contextos atuais e que podem gerar debates, críticas e diferentes opiniões sobre o que se quis construir.

Assim, o cinema tem muito a acrescentar ao ensino da História, com seu estudo e crítica social, ao apresentar a estudantes novas formas de interagir com a cultura histórica, bem como fazê-los notar as diferentes maneiras que o passado se faz presente em seu cotidiano. O cinema é capaz de fomentar debates em sala e auxiliar na formação da consciência histórica social. É necessária a realização de diferentes interpretações sobre o que está sendo transmitido, gerando por diversas vezes uma verdadeira desconstrução da mensagem passada uma vez que o filme pode estar carregado de ideologias ou certas leituras de mundo, e esse processo ajuda de forma única uma formação crítica dos estudantes.

2. Cinema e Ensino de História da África

Ainda que o ensino de história da África tenha se tornado obrigatório desde a lei 10.639/03, (alterada pela Lei 11.645/08), que tornou obrigatório também o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, sabe-se da defasagem do conteúdo sobre a história africana nos livros didáticos;

Enquanto a África é apresentada apenas a partir das experiências históricas das chamadas “culturas tradicionais dos povos africanos”, outros conjuntos civilizatórios têm suas contribuições localizadas em um recorte temático-cronológico muito mais amplo. (OLIVA, 2009, 152).

Assim sendo, filmes podem ser utilizados como material auxiliar dos professores, apresentando uma nova linha de raciocínio, ou reforçando estereótipos onde a história africana pode ser exibida e discutida de outra maneira. Assim, o professor não precisará limitar-se ao livro didático, e pode instigar os estudantes de formas diferenciadas, gerando novas atividades e discussões sobre o continente africano.

Para Viegas (2009, 36), a representatividade africana no cinema hollywoodiano está cheio de generalizações que tratam o continente de forma homogeneia estereotipado. Essa visão, produto de longa data criada e reforçada pela Igreja, a literatura, a própria história e outros discursos, teve no cinema continuidade a tal forma de ilustração do continente africano. Assim sendo, cabe enfatizar a importância da interferência do professor quanto à interpretação feita sobre o filme pelos alunos, uma vez que nenhuma escolha cinematográfica é feita sem uma intenção, o título de cada película, bom como a história que esta sendo retratada tem um objetivo, e cabe ao professor compreender tais núncias e as levar em consideração ao escolher quais filmes podem ser trabalhados em sala, ou indicados para que estudantes assistam. Viegas (2009, 37-40) nos apresenta diferentes denominações fílmicas, que podem auxiliar o professor em sua escolha de filmes a serem apresentados em classe de acordo com seus objetivos: O filme como agente histórico, O filme como testemunha de seu presente, e o que a autora chama de, Uma leitura fílmica da História.

Magno (2007, 121-123) sugere uma posterior análise do filme e a realização de um debate em conjunto com os estudantes. Para melhor compreensão de todo o contexto filmográfico, importante, como exposto anteriormente, levar em consideração a sociedade que o produziu, o público que o assistirá, quais as intenções com a produção do filme, sua temática e o impacto gerado com sua apresentação, assim como deve ser notado como representam a história que está sendo retratada, como os personagens são inseridos e como suas histórias são apresentadas pelo filme. Partindo de tal análise o professor pode ir além do que é apresentado na película, discutidos com os alunos a história dos locais apresentados nos filmes, bem como a cultura e marcos territoriais existentes na região que o filme procura retratar. É importante levar o estudante a compreensão do por que determinadas temáticas e culturas africanas são muitas vezes ignoradas, pela mídia e pela sociedade ocidental, enquanto outras realidades do continente são exaustivamente apresentadas por diferentes meios. Tal questionamento abre margem para novos debates e análises do que se passou anteriormente nas regiões africanas. Assim, o cinema aliado ao trabalho do professor tem a capacidade de trazer a tona acontecimentos importantes, diversidades encontradas nas regiões exibidas nos filmes.

Pensando em uma análise mais profunda fica perceptível a constante presença de uma África miserável quando esta é retratada pelo cinema hollywoodiano, assim sendo Angela Martins (2013) apresenta uma tese onde a rejeição à essa forma de apresentar o continente africano tenha motivado a produção fílmica regional, de maneira que cada identidade local pudesse ser devidamente representada.

É simples. O filme foi feito baseado em que, ao contrário do que as pessoas pensam que a África é um continente só de guerras, violência, doenças e misérias, esta África é positiva. É uma África onde sonhamos, cantamos e dançamos como vocês. Esta África existe só que não é vista pelos olhos das pessoas menos atentas. (GOMES. 2011, 1).

Amaranta Cesar (2012) reconhece os limites e problemáticas quanto ao que chama de “representação da identidade” por meio do cinema ocidental, uma vez que esta, como já dito, está carregada de estereótipos, muitas vezes negativos. Ainda perpassando por ideias da autora, a identidade africana que se forma no cinema não é única, mas é sim fruto da

interpretação de discursos, de maneira que cabe a cada indivíduo aderir ou não ao que lhe esta sendo apresentado e a sua carência de uma autorrepresentação ligada a um coletivo.

Os primeiros filmes africanos foram produzidos apenas após a emancipação colonial e por isso eram carregados de temas culturais, como uma tentativa de se desvencilhar da influência europeia e afirmar sua identidade e cultura próprias.

O compromisso do cinema africano com a construção de uma identidade cultural deve ser procurado por além dos limites das fronteiras artificiais e fictícias herdadas da colonização e que definem os contornos dos estados modernos africanos. Diante de uma realidade presente desoladora e desesperadora, a África vive ou sobrevive graças aos seus mitos fundadores. Esse passado mirabolante e glorioso narrado pelos griots funciona como uma estratégia de superação e de revanche com relação ao colonialismo. As grandes epopeias transmitidas pela tradição oral e pela literatura servem de refúgio e de matéria-prima para a construção de uma identidade cultural local, mas também continental (BAMBA, 2013, 5).

Dentro desse contexto da formação e afirmação de identidades e culturas africanas em seu próprio território e do reconhecimento destas em países onde afrodescendentes representam uma grande parte da população, as questões em torno da temática de ensino de história da África nas escolas brasileiras se fazem presentes. O país se vê imerso em uma busca por sua própria identidade e assim tenta se aproximar das origens africanas em sua formação.

O atual momento, iniciado há pelo menos quarenta anos, refunda algumas de nossas velhas crenças redefinindo a Identidade Nacional a partir da combinação ou coexistência de outras identidades. Esse ‘novo’ diálogo, envolvendo máscaras e reflexos identitários, que é muito mais revelador para os teóricos/educadores, e muito mais significativo para aqueles que se veem forçados a assumir ou a negar o pertencimento a alguma dessas ‘outras identidades’, parece ser mais funcional e crível do que o suposto manto de uma identidade comum que recobriria a todos. (OLIVA. 2012, 30)

Embora no ensino seja necessário determinado cuidado para que a história da África não se transfigure como sendo a história dos afro-brasileiros, tais temas estão intimamente ligados à “diversidade cultural e educação” no Brasil e têm gerado intensas discussões no

meio educacional, uma vez que cada vez mais, existe uma busca pela formação de processos acadêmicos de referência cultural diferenciada.

Nesse universo de preocupações, os estudos sobre relações étnico-raciais vêm se projetando no espaço acadêmico e nos movimentos sociais, a ponto de interferir de forma concreta em políticas públicas e ações governamentais. De fato, essa constatação pode ser melhor compreendida a partir do crescimento das lutas dos movimentos negros e da emergência de novas produções acadêmicas sobre questões relativas à diferença étnica, ao multiculturalismo e às identidades culturais. (CANDAUI 2010, 16).

Para CANDAUI (2010, 28), a interculturalidade está ligada diretamente a um plano social, cultural, político, educacional, epistêmico e ético em direção ao processo de descentralização de uma visão europeia. É um conceito que também mostra outras maneiras de pensamento e posicionamento através das diferenças culturais, na busca por um mundo mais justo e igualitário.

Seguindo esta mesma linha ideológica, a interculturalidade não se limita apenas à introdução de novos temas nos currículos acadêmicos, trata-se sim de uma transformação do papel social e na maneira de se apresentar História. Dessa maneira, há um questionamento expresso em relação às teorias multiculturais que não criticam as ideologias anteriormente aceitas e partem de uma visão eurocêntrica que marginaliza outras culturas e criam certo tipo de racialização.

Desta maneira, conforme apresentado, o cinema além de aproximar os estudantes de momentos históricos ao abrir novas possibilidades de interesse e formas de conhecimento, trabalha também o senso crítico dos alunos. Obras cinematográficas tornam-se assim bons instrumentos em sala de aula, abertos a serem explorados por professores e alunos, uma vez que dinamiza e não delimita as intervenções que podem ser realizadas, podendo, um mesmo filme, adaptar-se a demanda de cada instituição de ensino e público alvo.

3. Memorial

Sempre tive interesse sobre a conexão entre o cinema e a história, como uma película tem a capacidade de ilustrar, ainda que com distorções e “licença poética”, marcos que estudava em sala de aula? Mais ainda como um filme pode ampliar nossos horizontes, nos fazer viajar para diferentes lugares do mundo, despertar interesses que nunca seriam descobertos sem a ajuda do cinema.

Em diversos livros didáticos, como História e vida integrada de Nelson Piletti, Projeto Teláris, História de Gislane Azevedo e História (Volume único) de Reinaldo Seriacopi, existem indicações de filmes com o intuito de que o aluno possa ir além da sala de aula, descubra outras formas de visualizar um mesmo assunto. Essa dinamização do ensino e sua conexão com filmes me fez realizar uma busca inicial sobre o tema.

Posteriormente muni minha pesquisa com maior especificidade voltando meu olhar para a África, um continente rico de cultura e história, extremamente importante na formação histórica do Brasil, mas que sofre grande negligência nas abordagens apresentadas nos livros didáticos, tendo sua história, muitas vezes, resumida a colonização e à suas mazelas.

A escolha dos filmes que iriam compor o site foi realizada na tentativa de mostrar diferentes histórias africanas, já que sendo um continente de grande dimensão, seria impossível que uma “única história” ou um único filme conseguisse retratar tantas características distintas de diferentes culturas e sociedades que o habitam. Foi pensada também a abordagem do que chamei de “questões raciais” por acreditar ser um aspecto importante a ser trabalhado em sala de aula, uma vez que a maior parcela da população brasileira é afrodescendente e o racismo é um tema recorrente na sociedade.

Já a definição de uma plataforma digital, o site, como forma de expor a pesquisa foi realizada com o intuito de atingir e facilitar o contato com o público alvo, estudantes e principalmente professores do ensino fundamental nos anos finais e do ensino médio. A estrutura descomplicada do site tem o intuito de não formar barreiras em sua compreensão, com conteúdo simples e sugestivo, expõe os filmes juntamente com uma análise inicial de tópicos que podem ser trabalhados em sala de aula e com atividades a serem desenvolvidas em conjunto a exibição das películas.

3.1. A Plataforma

São apresentados pela plataforma sugestões de filmes que podem ser utilizados integralmente ou em trechos, bem como de atividades que os tem como base, para o ensino de história africana, de mesmo modo que para questões relacionadas à diáspora forçada de africanos, principalmente pelo continente americano.

É importante que o docente introduza a temática e ser retratada, mesmo quando utilizado o filme para realizar tal inserção, maiores explicações por parte do professor são indispensáveis. Igualmente significativo é o diálogo com os alunos sobre questões e diferentes pontos de vista que podem surgir ou serem instigados pelos filmes.

Recomenda-se que sejam utilizados filmes, ou trechos de ambas as categorias, África e Questão Racial, para que posteriormente sejam realizadas as atividades. O site disponibiliza vídeos que podem ser usados como temas geradores de debates e afins.

Todo material apresentado na plataforma tem o intuito de colaborar com o trabalho docente de formação em sala de aula e pode sofrer alterações para melhor adaptação com cada grupo de estudantes.

3.2. A Escolha dos Filmes

Os filmes *Na cidade vazia*, *Mooladé*, *Nha Fala*, *Hotel Rauanda* e *Um grito de Lierdade*, foram escolhidos de maneira geral por retratarem diferentes culturas presentes no continente africano, bem como problemáticas e enredos igualmente distintos. Tal seleção foi feita com o objetivo de apresentar as nuances e disparidades do continente, uma tentativa de desconstrução da ideia hegemônica da história e cultura na africana. Assim tópicos como que ganharam maior atenção mundial como a *apartheid* na África do Sul ou a guerra entre Hutus e Tutsis em Ruanda são apresentados, mas outros conflitos, realidades e culturas não são deixados de lado e ganham igual importância ao entrar como alternativa no site para trabalhar a história da África nas escolas.

Já os filmes *A 13ª emenda*, *Cara gente branca*, *Histórias cruzadas*, *Vista minha pele* e *Quanto vale ou é por quilo?* Foram selecionados com o intuito de provocar uma reflexão sobre as consequências da diáspora africana forçada por colonizadores, que resultou na presença de africanos e seus descendentes em diferentes países como mão de obra, e um posterior preconceito, principalmente a população afrodescendente negra. Os filmes apresentam essa realidade partindo de diferentes pontos de vista, em diferentes épocas e em países distintos.

3.3. Interpretações da Plataforma



1. O Título do site foi escolhido para tentar relacionar sua temática de forma mais direta e simplista possível, para que a associação entre cinema e África fique clara como objetivo principal da plataforma.
2. Como já dito anteriormente, o tópico de recepção ao site tem intuito de explicar que este faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília para obtenção do grau de licenciada em História. Tendo como público alvo: estudantes e professores do ensino fundamental, nos anos finais e do ensino médio.
3. Menu de atalho do contendo. Uma das formas de acesso aos conteúdos do site, que estão divididos nas categorias: filmes, vídeos e atividades, sendo a primeira subdividida em África e Questões Raciais.
4. Barra de pesquisa interna do site, que tem como funcionalidade a busca rápida dentro da plataforma por palavras chave.

O QUE CONTÉM O SITE? ⁵



FILMES

Sugestões de filmes para serem utilizados de maneira integral ou parcial em sala de aula, para introdução ou continuidade da temática História da África, sua cultura e desdobramentos, como **Questões Raciais** atemporais.



VÍDEOS

Pequenos vídeos que podem ajudar na interação com os temas abordados pelo site, são geradores de debates, questionamentos e reflexões sobre a sociedade em que estamos inseridos.

Leia Mais



ATIVIDADES

Você encontrará sugestões de atividades a serem realizadas juntamente com a transmissão dos filmes selecionados aos alunos, é recomendado que seja utilizado ao menos um filme de cada categoria, para que a reflexão dos estudantes seja mais profunda e tenham diferentes pontos de vista.

Leia Mais



+

Bases teóricas, fontes, agradecimentos e outras informações.

Leia Mais

5. A área “O que contem o site?” é formada por um conjunto de “Box” que tem a função de explicar de maneira individual o que o visitante poderá encontrar em cada categoria presente no site. Juntamente com tal explicação existe um link de redirecionamento para cada categoria ou subcategoria.

CARA GENTE BRANCA ⁶



⁹ “Sam, Troy, Lionel e Coco são jovens negros que ingressaram na Universidade de Winchester e que lidam com o racismo que acontece nos corredores da instituição. Quando alunos brancos promovem uma festa preconceituosa, os quatro se mobilizam e questionam não só os alunos, mas a própria universidade.” ⁷

TÍTULO ORIGINAL: DEAR WHITE PEOPLE ⁸

GÊNERO: DRAMA/COMÉDIA

DIREÇÃO: JUSTIN SIMIEN

ROTEIRO: JUSTIN SIMIEN

PRODUÇÃO: JUSTIN SIMIEN, EFFIE BROWN, JULIA LEBEDEV

ELENCO: TYLER JAMES WILLIAMS, TESSA THOMPSON, KYLE GALLNER, TEYONAH PARRIS, BRANDON P BELL, MALCOLM BARRETT, DENNIS HAYSBERT, PETER SVERTSEN

DURAÇÃO: 108 MINUTOS

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=InU16aS5Aus> - Disponível no HBO Go

¹¹ O filme cara gente branca trás à tona o sempre atual tema: racismo, baseado em acontecimentos em universidades americanas o filme vai de encontro aos que dizem que o racismo não é mais uma realidade na sociedade. Ele retrata os conflitos gerados por uma festa temática, onde dizem para “soltar seu negro interior”. A película mostra que o racismo hoje não é mais o de agressões, mas sim algo estrutural que não é tão visível a todos, ele está no sistema.

O filme aborda diversos temas indo além do “racismo comum” ele fala sobre a estética e a cultura afrodescendente, na luta entre se aceitar, se valorizar e se submeter aos padrões brancos de beleza, na procura por uma adequação social. E certamente o filme aborda uma questão muito discutida, a apropriação cultural, que é realizada ora carregada de preconceito, ora com certo “embranquecimento” de outras culturas. A estreia do filme gerou grande repercussão na mídia americana, e igualmente um incomodo nos brancos que assumem a insistência do preconceito racial, inspirada no filme foi criada uma série de mesmo nome pela Netflix, que encontra-se em sua primeira temporada. Os temas aqui citados são então trabalhados mais precisamente e pela serie quem tem episódios que duram entre 20 e 30 minutos e também pode ser boa opção para o trabalho em sala de aula.

6. Ao acessar uma das subcategorias de “Filmes”, *África* ou *Questões raciais* o visitante encontrará uma seleção de filmes, correspondentes a sua divisão;
7. A sinopse oferecida oficialmente sobre o filme estará relacionada para um primeiro entendimento do que será apresentado na película;
8. Estará disponível uma ficha técnica do filme com informações como duração e classificação indicativa, dados importantes no planejamento de aulas;
9. A imagem de divulgação do filme também estará disponível, uma vez que o contato visual auxilia na busca pela película e é igualmente importante a outros aspectos para uma primeira percepção;
10. Indicações de onde encontrar o filme para reprodução estarão sinalizadas, com o intuito de facilitar o contato com a película;
11. Por fim, mas não menos importante, será encontrada uma breve análise do filme, com o intuito de salientar temáticas que podem ser abordadas a partir de sua exibição em sala de aula.

COMO O MUNDO OCIDENTAL OLHA PROS AFRICANOS? 12

Como o mundo ocidental olha pros africanos 13



O vídeo mostra como a indústria do cinema retrata os africanos como se fossem todos iguais, como se todo um continente fosse um país, ou uma cidade múltiplas culturas, são sempre carregados de estereótipos, violentos, pobres e sempre carentes de alguma ajuda ou intervenção de outras nações para salva-los de algo terrível. Não mostram que são pessoas normais que estudam, frequentam escolas e universidades, que não necessariamente suas vidas estão ligas à guerra e miséria. 14

12. A categoria “*Vídeos*” é formada por vídeos curtos que tem o intuito, principal, de gerar debates em sala de aula. Ao conectar-se a essa categoria o usuário encontrará o título original dos vídeos, que trazem diferentes temáticas e abordagens;

13. Os vídeos estão disponíveis para serem assistidos através da própria plataforma por links de reprodução rápida, por meio destes o usuário consegue compartilhar ou acessar o local de origem do vídeo;
14. Bem como na sessão de filmes, existem comentários feitos refletindo as temáticas presentes nos vídeos, em pequenos resumos do que eles apresentam.

ATIVIDADE IV

PRODUÇÃO TEXTUAL

Base para produção do texto: filmes “Um grito de liberdade”, “Sarafina” e “Histórias Cruzadas” e em uma pesquisa posterior sobre o Apartheid na África do Sul e as leis segregacionistas que estavam em vigor nos EUA até as décadas de 1950 e 1960.

(Não é necessária a apresentação de todos os filmes, selecione de acordo com sua preferência, ou exponha trechos específicos das películas).

Orientar que os estudantes redijam o texto como a introdução de um livro ou como uma coluna jornalística. Devem falar sobre os temas supracitados e relacioná-los, de maneira a apontar semelhanças e diferenças entre os fatos e leis em ambos os países.

Por fim, são apresentadas atividades, que tem como referência os filmes listados. Estas podem sofrer alterações que o professor acredite ser conveniente. As atividades têm como objetivo provocar reflexão nos estudantes, bem como a ideia de que consigam, através das dinâmicas em relação aos filmes, ampliar suas visões e desconstruir preconceitos sobre o continente africano, sobre a cultura africana e em relação aos afrodescendentes, estabelecendo um novo olhar sobre a temática.

4. Referências bibliográficas

Artigos e Periódicos

- BAMBA, Mahomed. Filmes da África e da diáspora. Salvador, EDUFBA, 2012
- CESAR, Amaranta. Filmes de regresso: cinema africano e o desafio das fronteiras. In: Filmes da África e da Diáspora. 2012.
- COSTA, Denise. Utopia, distopia e realismo no cinema de Flora Gomes. In: Filmes da África e da Diáspora. 2012.
- COSTA, Grace. O cinema como narrativa histórica. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010 Vol. 7 Ano VII nº 2.
- DELTON, Felipe. Imagens da Africa do Sul no cinema. Iniciação Científica CESUMAR
- FERRO, Marc. Cinema e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
- FERRAZ, Liz de Oliveira. História e cinema. Luz, câmera, transposição didática. HISTÓRIA & ENSINO, Londrina, v. 12, p. 157-168, ago. 2006.
- MAGNO, Maria. A África no Cinema. Comunicação e Educação – Revista do Departamento de Comunicação de Artes da ECA/USP. 2007 v. 12, n. 3.
- MARTINS, Angela. África em movimento. A história e o cinema africano contemporâneo. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, V.1, n. 9, pp. 22-37, jul./dez. 2013.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. A História africana nas escolas brasileiras. Entre o prescrito e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas (1995 – 2006). História, São Paulo, 28 (2):2009.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. Entre máscaras e espelhos: Reflexões sobre identidade e o ensino de História da África nas escolas brasileiras. Revista História Hoje, v. 1, nº 1, p. 29-44. 2012
- OLIVEIRA, Edlene. Cinema e História. O Olho da História, n. 17, Salvador (BA), dezembro de 2011.
- SILVA, Marcos. Cinema e ensino de história, propaganda e crítica em outubro e o triunfo da vontade. História & Ensino, Londrina, v. 15, p. 103-118, 2009.

SOARES, Mariza. Cinema e História. Primeiros Escritos, n° 1 – julho-agosto de 1994.

SOUZA, Éder. O que o cinema pode ensinar sobre a história, ideias de jovens alunos sobre a relações entre filmes e aprendizagem histórica. História & Ensino, Londrina, v. 16, n. 1, p. 25-39, 2010.

VIEGAS, Daniella. África como pretexto, um ensaio de História e Cinema. Revista Espaço Acadêmico, n° 103, Dezembro de 2009.

XAVIER, Andre. TV e Cinema na sala de aula. Olhares & Trilhas - Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 99-110, 2005.

Sites e Vídeos

<http://8a-frica.blogspot.com.br/2012/07/um-grito-de-liberdade-nos-anos-1970-na.html>

<http://direitosociais-aec.blogspot.com.br/2009/02/ficha-tecnica-hotel-ruanda.html>

<http://regras.net/como-jogar-banco-imobiliario/>

<http://super.abril.com.br/videos/2-minutos-para-entender/2-minutos-para-entender-desigualdade-racial-no-brasil/>

<https://filmow.com/abril-sangrento-t16212/>

<https://filmow.com/sarafina-o-som-da-liberdade-t8103/>

<https://sextaepifania.wordpress.com/2013/10/11/ficha-tecnica-hotel-ruanda/>

<https://www.cineclick.com.br>

https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

<https://www.youtube.com/watch?v=ZD4JAaed7jY>

<https://youtu.be/XSFSro025M0>

Livros e Livros Didáticos

AZEVEDO Gislane, SERIACOPI Reinaldo. História volume único. Editora Ática 2008.

AZEVEDO Gislane, SERIACOPI Reinaldo. Projeto Teláris História. Editora Ática 2015.

BUENO, Eduardo. Brasil: Uma História - A Incrível Saga de um País. Editora Ática 2003.

PILETTI, Nelson, PILETTI Claudino, TREMONTE Thiago. História e Vida Integrada. Editora Ática 2008.

Filmes

A 13ª emenda. Direção: Ava Duvernay. 2016

Cara Gente Branca. Direção: Justin Simien. 2014.

Histórias Cruzadas. Tate Taylor. 2011.

Hotel Ruanda. Direção: Terry George. 2004.

Moolaadé. Direção: Ousmane Sembene. 2004.

Na Cidade vazia. Direção: Maria João Ganga. 2004.

Nha Fala. Direção: Flora Gomes. 2002.

Quanto Vale ou É por Quilo? Direção: Sérgio Bianchi. 2005

Um Grito de Liberdade. Direção: Richard Sttenborough. 1987.

Vista Minha Pele. Direção: Joel Araújo 2003.